

sobre tudo

CÓRDOBA E O ESPAÇO GEOGRÁFICO: ENTREVISTA COM A PROFESSORA SANDRA MENDONÇA⁹

Entrevistadores: Fernanda Müller¹⁰
Tomás Figueiredo Fontan¹¹

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Obrigada por nos receber em sua casa nesse chuvoso 26 de outubro, Professora Sandra! Suas lembranças são muito importantes para reconstituir a memória dessa relação que se criou entre Florianópolis e Córdoba, entre a UFSC e a UNC, devido à criação de um projeto.

⁹ Doutora em Geografia pela UFSC e professora de Geografia do Colégio de Aplicação da UFSC. Fundadora e Coordenadora do Projeto Córdoba de 1992 a 2015. Contato: samen1957@gmail.com

A entrevista foi gravada e transcrita na íntegra pelo bolsista e colaborador (PIBE 2018) Gustavo Seemann Koerich.

¹⁰ Doutora em Literatura pela UFSC e Professora de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFSC. Integrante da Coordenação do Projeto Córdoba. Contato: f.muller@ufsc.br

¹¹ Licenciado em Geografia pela UFSC e Professor de Geografia do Colégio de Aplicação da UFSC. Coordenador do Projeto Córdoba. Contato: tomas.figueiredo@ufsc.br

ENTREVISTADOR (TOMÁS): A primeira questão que a gente pensou é como Córdoba chegou até você?

PROFESSORA SANDRA: Em 1990 eu fazia mestrado em São Paulo, então eu dava aulas aqui e viajava para lá toda semana, porque minha liberação para formação só saiu quando eu não precisava mais viajar. Nesse período havia um grupo pensando no projeto Córdoba. A ideia de um projeto de intercâmbio surgiu em 1989 e fundamentalmente em 1990. Aí, numa dessas idas e vindas, porque a vida estava bastante difícil, eu encontrei os cordobeses e via meus colegas indo se reunir para conversar sobre um possível intercâmbio. Nos intervalos entre as aulas me informavam em que pé estavam as reuniões, as discussões e tal. Nessa época estavam presentes, lembro de algumas pessoas, a Susana Ferreyra, mais especificamente, talvez a Silvia estivesse também, mas eu não estou lembrada. Havia mais colegas argentinos. Sempre fui simpática a ideia de intercâmbio, especialmente com América Latina, e foi assim que Córdoba chegou até mim. Eu participava do jeito como dava naquele momento, por causa do mestrado, pois também foi uma briga institucional minha poder fazer formação.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Nessas reuniões iniciais, o que se pensava, o que se queria naquele momento?

PROFESSORA SANDRA: Queria se conhecer, ver o que era possível fazer, não é? A ideia era permitir que as escolas se visitassem, se conhecessem e começassem a pensar a possibilidade de um intercâmbio. Porque nem se conheciam, então era uma ideia muito bacana. Não se faz um intercâmbio do nada, assim, “quero fazer intercâmbio!” e se começa a fazer. É um processo. O projeto

já nasce com uma base bastante sólida, porque o grupo de professores que veio visitar o Colégio de Aplicação veio conhecer a nossa estrutura, saber qual era a nossa filosofia, com que parceiros eles iriam trabalhar. Inicialmente era um grupo bem grande envolvido nessas discussões e nas visitas. Assim também os professores do Aplicação visitaram o Belgrano com o mesmo objetivo.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Eram uma espécie de “missão de reconhecimento”?

PROFESSORA SANDRA: Sim. Conhecer que escola era essa, suas atividades, o que pensavam, em que cidade estava inserida, que estrutura iria disponibilizar para fazer o intercâmbio dos estudantes e estabelecer uma base de segurança familiar. Já que era um intercâmbio nesses termos, as famílias participariam com alojamento e alimentação, disponibilizando condições de permanência aos intercambistas. E depois, também, discutimos em que termos o acordo de cooperação entre as universidades seria assinado. À frente dos professores, aqui em Florianópolis, estavam Querubina, Ana Sabino, e Fátima Sabino. Também tomaram parte César Regis, Jandira de Faria e Silvia Auras e outros colegas que não me recordo no momento.

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Sandra, você participou de qual período do projeto Córdoba? Como foi sua experiência como Coordenadora do Projeto?

PROFESSORA SANDRA: Desde 1992 até não sei quando. Então a Professora Danuza assumiu como coordenadora, não me lembro de fato em que ano foi isso (talvez 2006), e eu me afastei para fazer outras coisas, como atuar no sindicato e depois o

doutorado. Fui para o sindicato em 2006, depois não voltei para a coordenação do Projeto Córdoba, mas sempre acompanhei e colaborei.

Como coordenadora do intercâmbio, tinha algumas críticas sobre o rumo que o projeto estava tomando. Por exemplo, dizíamos aos alunos algumas frases como: “– Isso aqui não é um agência de turismo, isso aqui não é um turismo barato que você vai usar pra ir pra lá passear e depois voltar.” Era um intercâmbio acadêmico e cultural, mas estava sendo mais cultural que acadêmico, então, minha ideia era inserir alguma coisa que orientasse uma reflexão mais profunda dos intercambistas. Introduzimos a metodologia de pesquisa para orientá-los a aprofundar sua experiência em temas que lhes interessassem.

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Então, o projeto de pesquisa surge nesse momento, ele não vem desde o começo.

74

PROFESSORA SANDRA: Não, antes era só o intercâmbio entre estudantes e famílias, eles frequentavam a escola e faziam um relatório sobre a experiência . Essa necessidade surgiu em algum momento porque mudam as gerações e o compromisso com o projeto estava mais enfraquecido. Os novos intercambistas começaram a tratar o intercâmbio de outra forma, às vezes até as próprias famílias não tinham o mesmo nível de comprometimento. E até escutávamos algo como: “– Eu quero mandar meu filho mas eu não quero hospedar”. Então algumas pessoas ali do grupo, entre elas eu, percebemos como isso era complicado. Nós fazíamos um trabalho muito sério, como é feito até hoje, de preparação, de escolha, de infraestrutura, enfim. Tudo o que precisa ser feito para assegurar que o intercâmbio aconteça com segurança. Mas sentimos falta de refletirem sobre

questões como: por que fazer um intercâmbio? Por qual razão ir para Córdoba? O que aprenderam com a experiência? O que significa ser latino americano?, enfim.

Além dos projetos também realizamos intercambio de conhecimento. Uma experiência muito rica. Formamos grupos de estudo no Colégio e no Belgrano, com o prof. Leandro Cisneiros. Lemos o mesmo livro e nos encontravamos para debater as leituras realizadas. Além disso, foram oferecidas oficinas teóricas, com participação voluntária, não eram necessariamente só os intercambistas que participavam.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): A próxima pergunta que pensamos passa por aí. Por que Córdoba? Por que não qualquer outra cidade? Quais relações pretendiam estabelecer entre cidades, espaços e fronteiras?

PROFESSORA SANDRA: Por que Córdoba? Justamente porque surgiu a oportunidade desse laço familiar entre a Professora Querubina e uma família de lá. Ela conhecia um casal da Argentina, os filhos deles eram estudantes do Manoel Belgrano. então eles trouxeram essa ideia. As duas escolas eram vinculadas à universidades. Córdoba surgiu por isso, em parte pela oportunidade e em parte porque o grupo de professores que se interessou pelo intercâmbio já lançavam um olhar sobre a América Latina, sobre a necessidade da aproximação dos povos, já conheciam autores latino-americanos e ficaram muito interessados na parceria com a Argentina.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Qual era sua relação com a Argentina? Já tinha viajado para lá antes? Como professora de Geografia, quais

foram suas impressões? Que relações podemos estabelecer com Florianópolis, por exemplo, ou com o Brasil de forma mais geral?

PROFESSORA SANDRA: Não, nunca tinha viajado para lá antes. Aliás, foi o primeiro país estrangeiro que eu conheci. Sobre minhas impressões... conhecia o processo histórico, a colonização espanhola, essa ideia que nos aproxima por termos sido explorados, por termos vínculos históricos. Em relação à cidade, à questão da Geografia, eu diria que tem um contraste. Era uma possibilidade para os nossos alunos saírem de uma cidade bem provinciana, na época, e irem para uma cidade cosmopolita, industrial, a segunda cidade mais importante da Argentina. Para nós, significava possibilitar aos alunos uma experiência “super”. Conhecer um povo vizinho, com história semelhante, e romper um estereótipo muito forte por causa do turismo. Aqui na ilha falavam: “– Os gringos estão chegando!”, e havia a exploração do turismo em Canasvieiras¹² desde 1970. Lento em 1970, um pouco mais acelerado em 1980 e depois um turbilhão desde 1990! Ou seja, havia a possibilidade de uma aproximação que me encantava, havia a possibilidade de proporcionar aos meninos e às meninas um outro tipo de formação. A vivência numa casa diferente da sua, numa escola muito maior, com uma organização e dinâmica familiares totalmente diferentes. Lá, por ser uma cidade grande, todo mundo trabalha e estuda e todos também têm que dar conta da vida e da casa, diferentemente dos nossos meninos que eram mais mimados, pais trazendo de carro para a escola. Alguns contrastes culturais interessantes, aprofundando seus olhares sobre a América Latina.

¹² Bairro no Norte de Florianópolis onde, ainda hoje, há intensa circulação de turistas argentinos durante as temporadas de verão.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): O que a escola Manoel Belgrano tem a nos ensinar?

PROFESSORA SANDRA: Acho que tem muitas coisas a nos ensinar. Em primeiro lugar, o Manoel Belgrano é uma escola ligada à Universidad Nacional de Córdoba é uma referência, a primeira coisa que tem a nos ensinar. Nós também somos uma escola dentro de uma universidade, mas não conseguimos ser referência nem mesmo dentro da nossa cidade. Nós somos reconhecidos, mas não referência. A gente não consegue interferir, por exemplo, em uma discussão curricular da prefeitura, em uma discussão curricular do Estado, nós não somos chamados para fazer formação de professores, a não ser que nós a ofereçamos. O primeiro contato é a UFSC, o CED, não chamam diretamente o Colégio de Aplicação. É muito raro. Nós somos uma escola muito boa, que faz projetos muito bons, e não somos uma escola de elite. Deveríamos ser referência, mas na realidade somos desconhecidos até mesmo dentro da própria universidade. O segundo aprendizado diz respeito à estrutura que o Manoel Belgrano tem: apesar de ser uma escola de comércio, eles têm uma estrutura de tempo integral que a gente não tem. Agora, depois de 25 anos, nosso país começa a discutir a questão do ensino integral. E, mesmo assim, em nenhum momento o Colégio de Aplicação chamou os colegas do Manoel Belgrano para escutar como fazem lá. Assim como não chamam também outras escolas do país que já implementaram o turno integral, temos muito a aprender com essas escolas.

Uma outra coisa que nos ensinaram ao longo do tempo se refere ao currículo: eles têm metodologia de estudo. Ensinar a estudar, mais do que oferecer o tempo, orientam os estudantes como

estabelecer metodologias de estudo. Isso sempre chamava muito a atenção, a minha e a de outros colegas também, e sempre quisemos trazer essa experiência para dentro do Aplicação. Não basta cobrar de crianças e adolescentes que estudem, nós precisamos ensinar os alunos a estudarem. Penso, inclusive, que o Projeto Pés na Estrada do Conhecimento, desenvolvido aqui no colégio nas turmas de nono ano, nasceu um pouco dessa ideia, da metodologia de estudo de Córdoba e inserindo a iniciação científica. Tem esses aprendizados e tem muito mais.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): E o Colégio de Aplicação, o que nós teríamos a contribuir com o Belgrano?

PROFESSORA SANDRA: Acho que a luta pela condição de trabalho. A gente tem Dedicção Exclusiva, horas de trabalho para ensino, pesquisa e extensão, que é uma condição de essencial para exercer a profissão como ela deve ser. As condições de trabalho dos docentes na Argentina são diferente. São muito precárias. O que mais a gente pode ensinar para eles? Não necessariamente ensinar, mas trocar experiências sobre os projetos, livros... Não saberia dizer muito mais, acho que a gente tem mais a aprender do que a ensinar.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Sandra, como o projeto impactou na sua vida, pessoalmente?

PROFESSORA SANDRA: Ah, eu tive que estudar muito, tive que ler muito, conheci autores, músicos latino-americanos. Já tinha lido e ouvido: Simón Bolívar, José Martín, Mercedes Sosa, Víctor Jara, Violeta Parra... passei a ter mais responsabilidade sobre as questões da América Latina, de perceber como temos que ser bem criteriosos com as notícias, com as relações entre as pessoas,

com a influência negativa da mídia (estereótipos). Passei a olhar com outros olhos, porque o turismo argentino daquela época não é o turismo argentino de hoje. Era um turismo de pessoas mais pobres, pois a situação econômica argentina era melhor naquela época, o que lhes permitia viajar mais. Os primeiros turistas que vinham para cá em massa eram pessoas de classe média baixa, famílias que enchiam seu carro, taxistas que botavam suas famílias no táxi e vinham.

E, finalmente, impactou na minha vida porque em algum momento eu tive que assumir a representação do intercâmbio e falar em nome da coordenação, da UFSC, o que mexeu comigo pessoalmente, porque não gosto de exposição, não gosto de dar palestra e isso me tocava de dentro para fora. Fiz alguns amigos por conta do trabalho realizado.

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Puxando a sardinha para a minha brasa: a literatura, a música, as artes plásticas e o cinema latino-americano e, especialmente, argentino, também entraram mais na sua vida depois do intercâmbio?

PROFESSORA SANDRA: Entraram, claro. Conheço alguns atores que se tornaram referência para mim. Gosto de filmes chilenos, cubanos, argentinos, ou até... sei lá... acho que mais chilenos mesmo. A música entrou bastante na minha vida, porque as pessoas que comecei a conhecer nos presenteavam com músicas argentinas. A literatura também entrou, entrou mais, a gente era presenteado e adquiríamos livros e músicas, o cinema nem tanto. Quando a gente ia para lá, até hoje é assim, tínhamos pouco tempo para coisas extras. Então... muitas reuniões para afinar o trabalho e geralmente não dá tempo para atividades extras. Eu mesma nunca tive oportunidade de ir ao cinema na Argentina.

Teve uma época em que trocamos fitas de filmes, mas era VHS e era incompatível com o nosso sistema (risos). Então parecia uma grande oportunidade, porque eles selecionaram excelentes filmes, nos reunimos e aí, quando fomos exhibir para os meninos, todos nós muito felizes, descobrimos que não havia como! Tentamos até fazer a conversão de sistema, mas não conseguimos de jeito nenhum, então foi uma perda de oportunidade naquele momento. Depois as coisas mudaram. Hoje temos mais acesso, através das mídias.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Ao longo de sua carreira, você se dedicou à formação de professores e pesquisadores e à pesquisa de um modo mais amplo. Qual é a contribuição do Projeto Córdoba para a pesquisa e a formação de professores?

PROFESSORA SANDRA: Existem todas as possibilidades! Eu acho que quando trouxemos Estudos Latino-Americanos (ELA) para o currículo escolar, gerou-se a possibilidade de estágio nessa disciplina, então também se tornou parte da formação de professores. ELA era para ser ofertada pela área de humanas, mas por uma questão de contexto, ficou com História, que tinha um número maior de professores e precisava justificar uma carga horária determinada naquele momento. Inclusive, os colegas de História brigaram muito para ficar com a disciplina, mas na verdade o projeto inicial era que fosse interdisciplinar. Poderia ser no mesmo ano, todo mundo trabalhando junto, ou a cada ano uma disciplina assumiria ELA. Essa era a discussão inicial. Concordamos naquele momento em pensar futuramente como seria. Tentamos entender o contexto daquela época e também sabíamos que os colegas fariam um bom trabalho, não tínhamos nenhuma dúvida disso.

Outra coisa que começou a acontecer foi a possibilidade de intercâmbio de professores, a gente não teve muitos, mas já fizemos isso algumas vezes. A Professora Ana Maria Sabino (UFSC) e a Professora Raquel (UNC) foram as primeiras e realizaram uma experiência simultânea. A Raquel trabalhou aqui com os alunos, mas também ofereceu formação de professores. A Professora Ana Sabino trabalhou português no Belgrano.

Além disso, eu e o Professor Romeu Bezerra participamos de um processo de formação sobre questões teóricas da Geografia Crítica, pois no Brasil esse debate já havia amadurecido um pouco mais, desde os anos 1970. Na década de 1990, já tínhamos um acúmulo teórico que questionava a Geografia positivista, tradicional, por isso fomos convidados para fazer uma formação de professores em Córdoba. Lá, trabalhamos com um número grande de professores da rede pública e privada. Romeu, era meu colega, professor de Geografia. Não fazia parte do Projeto Córdoba, mas como gosto de trabalhar em parceria, trabalhamos alguns autores juntos. Entre eles Foucault, Castoriades, Henri Lefebvre, Claude Leford, Milton Santos e alguns conceitos sobre marxismo. Uma contribuição para eles pensarem método, metodologias e conhecerem estes pensadores. Eles já tinham alguma bagagem, a gente só foi contribuir e, a partir disso, se organizaram e criaram um curso de formação de professores em Geografia na Universidad Nacional de Córdoba, outra contribuição do projeto. Até então os professores viajavam para fazer formação porque não tinham licenciatura, a denominação lá é diferente. Eles tinham o terciário, então podiam dar aulas, mas não tinham ainda o professorado, então a partir disso ficaram empolgados. Já estavam pensando nisso, obviamente. A partir dessa nossa incursão eles levaram adiante a criação do curso.

Também foi introduzido no Aplicação o espanhol, como mais uma língua estrangeira. Estreitamos laços de pesquisa, produção de textos. Estas são algumas das contribuições relevantes.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): O projeto encontrou mais participação ou resistência nesses 25 anos?

PROFESSORA SANDRA: Os alunos sempre mantiveram esse nível de procura, acho que talvez em relação aos primeiros anos até tenha aumentado, porque parece que quando inicia as pessoas têm mais resistência até ir conhecendo. Mas acredito que manteve um mesmo número de intercambistas ao longo dos anos. Não acompanhei muito, mas penso que nos últimos anos teve muitos inscritos, mas o número de intercambistas acaba sendo o mesmo.

Em relação aos professores, penso que o colégio funciona de uma maneira fragmentada, não tem articulação entre as pessoas e os projetos. Já houve momentos em que se possibilitou que os professores apresentassem em seminários internos os seus projetos para todos os colegas. É uma ótima iniciativa e, quando acontece, permite que a escola conheça os projetos de Física, Português, Geografia ou História que estão sendo desenvolvidos. Porque, em geral, a gente não conhece. E se não conhece, não aproxima, não estabelece vínculo. Bem, há resistências também, normalmente alegando que os alunos “perdem” as aulas quando viajam. Alguns professores afirmam que os alunos podem ser prejudicados. Mas esse tipo de discurso é minoritário. Nós sempre consideramos que a formação dos meninos é ampla e não se reduz a sala de aula. E eles têm aulas na outra escola. Geralmente, ou melhor, sempre, quem participa dos intercâmbios dá conta dos conteúdos e, além disso, consegue

aprofundar as análises, as comparações, têm mais bagagem cultural e vivência para produzir melhores textos. São processos formativos complementares. Em 25 anos penso que tivemos somente uma reprovação e foi por outro motivo.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): É possível identificar o perfil das famílias intercambistas? Como é o envolvimento das famílias no projeto? O que elas buscam?

PROFESSORA SANDRA: A princípio, as famílias estão mais centradas na possibilidade de seus filhos experimentarem um intercâmbio. Participam para oferecer a experiência para seu filho. São somente dois meses. Não entendem a dimensão do Projeto. Eu acho que isso foi ficando mais claro ao longo dos anos, talvez no início fosse diferente. Porque no primeiro ano tínhamos um grupo mais coeso, com famílias interessadas no projeto e na ideia da América Latina. Ao longo dos anos, no entanto, o que eu observo, é que alguns usufruem mas não participam efetivamente. Tanto é que, quando pedimos relatos da experiência vivida e a presença em reuniões no ano seguinte para conversar com as próximas famílias, são poucos os pais que participam. Isso é o mínimo de contribuição que uma família poderia dar. Nem todas as famílias procedem assim, mas sinto este perfil meio utilitário.

Eu já reverti “n” situações, eu e a Ana Maria, de pais que queriam enviar seus filhos, mas não queriam receber ninguém. A gente visita as casas para conhecer um pouco melhor a rotina das famílias, pois há toda uma responsabilidade de preparação, e quando percebíamos que a família tinha todas as condições de receber, fazíamos uma intervenção mais enfática. Isso porque a família parecia querer “tirar férias” do filho, e eu sempre fui

bastante clara, objetiva. Ana me apoiava e sabemos que o intercâmbio só se mantém com o apoio das famílias. Assim conseguíamos reverter e na hora mudavam de opinião. E foram bons intercâmbios, às vezes era uma família que ficava muito ausente de casa, trabalhava e tal, mas aí a gente colocava ali, como sempre fazemos, uma pessoa com mais autonomia, que se adaptava melhor, e corria tudo bem. Mas há famílias que se envolvem também e são bons parceiros para além do intercâmbio de seu filho. São solidários em ocasiões em que há necessidade de hospedagem, por exemplo.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Quais foram os maiores desafios enfrentados pelo projeto?

PROFESSORA SANDRA: Todo ano é uma batalha. O mais difícil foi aquele ano em que o reitor prometeu um ônibus para um evento de aniversário do projeto, não lembro bem se era o de 10 ou 15 anos. Assumi o compromisso com um grupo de famílias, porque era um intercâmbio que ia levar um número maior de alunos, inclusive equipes esportivas e de artes, enfim. Fundamentalmente tinha a ver com o esporte, então era um grupo enorme de pessoas envolvidas, faltava uma semana e não recebíamos resposta. Acho que foi um dos momentos mais difíceis que passamos. Ter que cobrar do reitor, em um nível que parecia que estávamos brigando. Não estávamos, mas era preciso resolver o problema. Outro momento complicado também foi por uma questão de ônibus. Estávamos Silvia, Danuza e eu e fomos à reitoria para pedir a definição do ônibus, faltando poucos dias da viagem de intercâmbio, num momento em que nós travávamos uma luta na universidade contra as fundações, pela falta de transparência da distribuição e administração dos recursos. Até

que o reitor pegou o telefone e falou: “– Ah, só um instantinho, deixa eu ver se resolvo aqui.” Ligou para uma fundação e disse mais ou menos assim: “– Estou aqui com o pessoal do Projeto Córdoba e tal, precisando de um ônibus, você acha que dá?”. Uma conversa assim. A Danuza deu as costas para o reitor, porque achou um absurdo o que estava acontecendo. A Silvia começou a me olhar, porque sabia que era uma Fundação... eu estava em uma ponta e o reitor na outra. Aí ele falou que tinha um ônibus, mas era a fundação quem ia pagar, e questionou se nós tínhamos problema com isso. A reação que eu tive na hora foi dizer: “– Isso é um problema seu. Porque o dinheiro da Fundação, que eu saiba, é público. Você é o reitor, falou que conseguiria o ônibus e assinou um convênio com Córdoba.” Deu tudo certo e saímos de lá com o ônibus. Mas são momentos chatos que a gente passa, porque tem sempre uma questão política presente e a gente tem que resolver da melhor maneira possível para garantir a continuidade dos trabalhos, assegurando o que é essencial. Além disso, todos os anos há algum entrave em relação à passagem e à diária para o professor. Gasta-se tempo com coisas que já deveriam estar no planejamento da universidade.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Já falamos de momentos difíceis, agora os momentos mais marcantes, no sentido mais positivo.

PROFESSORA SANDRA: Ah, são tantos, sabe? O processo de preparação, a viagem com os meninos, estar no ônibus com eles, atravessar fronteiras, permitir que percebam as distâncias entre as cidades, observar as paisagens durante a viagem, conhecer outra escola, outra estrutura escolar, outras famílias, outra cidade e sua organização. Conhecer os colegas das mesmas áreas de

atuação e trocar experiências. Ler alguns bons relatos e projetos desenvolvidos pelos estudantes...

ENTREVISTADORA (FERNANDA): Exatamente, eu ia falar sobre isso! Como geógrafa, como é a travessia entre as cidades, passar sobre a ponte que nos separa e nos une...

PROFESSORA SANDRA: A primeira travessia durou 36 horas porque o ônibus quebrou! Foi a travessia mais longa! Acho que essa experiência de você sentir espacialmente o que é uma viagem, o que é atravessar a fronteira, passar pela experiência de falar com a fronteira nacional e a fronteira estrangeira, ver as diferenças: que uma é militar e a outra é civil; que em algum momento você pode ter suas malas abertas – e nós já passamos por isso também. O controle dos países. São momentos importantes porque amadurecem os meninos e a gente mesmo. A própria viagem já é, em si, um fato positivo. A recepção em Córdoba é uma coisa extremamente bonita, é uma escola que recebe muito bem! Uma escola muito grande e receptiva em relação aos estrangeiros que chegam, sempre senti isso nas vezes em que fui. A escola pára, todo mundo fica ali, não tem aquela coisa de aproveitar que não tem aula para circular, eles estão ali. Majoritariamente estão ali. Uma outra coisa que acho muito bonito, quando os argentinos se aproximam dos brasileiros e começam a perguntar, perguntar, perguntar, são curiosos. Mais abertos a receber. Isso é uma coisa muito bacana. Outra coisa são os laços que conseguimos estabelecer com os colegas e... [lágrimas] São laços profissionais, mas que acabaram se tornando laços de amizade. Me emociono porque é muito forte mesmo, são meus amigos até hoje, para além da universidade, para além dos trabalhos acadêmicos. A gente troca, lê os textos uns dos outros,

viajamos juntos para além do intercâmbio. Então, assim como os meninos conseguem estabelecer vínculos após o intercâmbio, apesar das distâncias e das fronteiras, a gente também aproveita esse mundo com as comunicações facilitadas e fortes laços que se perpetuam.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Como você avalia o projeto hoje?

PROFESSORA SANDRA: Acredito que tem a mesma importância que sempre teve. Ele é o único projeto na América Latina no colégio e pioneiro na UFSC. Uma servidora da Secretaria de Assuntos Internacionais da UFSC, que acompanhava todos os projetos da universidade, disse em uma das nossas solenidades de recepção dos intercambistas, que era o único intercâmbio acadêmico que funcionava efetivamente todos os anos desde que surgiu. Então conserva uma importância institucional muito grande. Os reitores sempre se referem a ele em seus discursos institucionais. Ele é um projeto que antecede o Mercosul, que é econômico, enquanto o nosso procura aprofundar laços humanos, laços sociais, laços históricos, tão formativos, não é? Enfim, só acho que não ocupa o lugar que deveria ocupar na universidade: todo ano é a mesma “batalha” por passagem e hospedagem dos professores... parece que todo ano o projeto se inicia.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Estamos falando muito sobre o intercâmbio estudantil, que é uma das possibilidades que o Acordo de Cooperação Institucional abre. Mas pensando em termos mais amplos, quais deveriam ser as novas apostas?

PROFESSORA SANDRA: Estimular o intercâmbio entre professores, acho que é um caminho. Entre estagiários,

estudantes de espanhol, ampliar com o departamento de línguas, acho que isso seria uma coisa bacana a se fazer. Poderíamos tentar ampliar as relações com as licenciaturas, com o curso de professorado em Córdoba. De tempos em tempos, ampliar o número de professores que viajam para conhecer e trocar experiência com suas áreas de conhecimento.

Uma das coisas que eu insistia, quando fui coordenadora, era que todo mundo que viajasse para Córdoba tivesse contato com sua área de atuação. Então, por exemplo, se eu fosse para Córdoba encontrava o grupo de Geografia, quando a Fernanda for para Córdoba se reúne com o grupo de Literatura e assim por diante. Então não era só ir, mas ter alguma responsabilidade em relação ao seu grupo de trabalho, trazer essa experiência para nossa escola. Eu levava livros de Geografia e trazia livros de Geografia de lá, e a mesma coisa era com livros de Literatura ou jornais. No intercâmbio tal, algum professor tem disposição de levar um grupo de alunos, compartilhar suas experiências, fazer um curso, oferecer um minicurso? Às vezes dava certo, às vezes não. Assim como pais e alunos, existem professores que querem apenas turismo mais em conta, pago pela instituição. Passa por uma seleção: apresenta um projeto do que vai ser desenvolvido lá, e ver com a coordenação na Argentina se há interesse na proposta. Tudo isso dá muito trabalho, é muito cansativo. Veja, preparar o intercâmbio discente já é bem trabalhoso, toma tempo. Então vejo essas possibilidades, e também talvez a ampliação para outros países, como o Uruguai, por exemplo. O nosso país é tão gigantesco que nós podemos fazer intercâmbio entre Colégios de Aplicação, como há com o Tchê-Mané, com o Aplicação da UFRGS. Poderia fazer com o Nordeste, que é uma realidade totalmente diferente, nem que fossem intercâmbios curtos. Mas,

claro, é trabalhoso. Os coordenadores de Córdoba não têm fôlego para tudo isso, precisaria haver uma coordenadoria de intercâmbios na escola, isso já foi proposto, mas ainda não se efetivou. Penso que poderíamos retomar as leituras conjuntas também.

ENTREVISTADOR (TOMÁS): Como geógrafa, como você vê o futuro da América Latina?

PROFESSORA SANDRA: Hoje? Nesse contexto? Ah... acredito que tivemos alguns avanços na América Latina, mas pisamos na bola com as frentes que tomaram o poder e que não são a esquerda. No caso de América Latina, eu acho que a gente errou muitas vezes, especificamente no Brasil, a gente aceitou. Quando digo “a gente” é porque temos compromisso com a esquerda desse país, mas a esquerda é muito desunida. Eu não sei exatamente como é a esquerda em outros países, mas parece que é a mesma coisa no caso da Argentina. Quando eu converso com os colegas, eles relatam as mesmas dificuldades, parece que é um problema das esquerdas no mundo inteiro. Recentemente estive em Portugal, e para formarem a frente de esquerda que existe hoje lá, com um bloco formado pela parte mais radical da esquerda, houve muita pressão popular para se unirem. Assumir o poder significa administrar um país, assumir o poder não é nada mais que administrar melhor as verbas para o país. Dar melhor destino aos recursos. Não significa revolução, no contexto em que estamos. Na última década, a pobreza recuou no continente, graças aos programas progressistas, com sistemas de proteção dos direitos dos mais pobres. Com a crise econômica e o avanço do conservadorismo isso pode retroceder. No IDH da ONU, o Brasil já recuou de 74^a. Para 75^a. Posição na lista de 188 países em relação

aos índices de saúde, educação e renda. Eu vejo os próximos anos como um período de muita dificuldade, porque há um avanço da extrema direita na Europa e nos EUA e uma articulação internacional para que se derrubem as novas tentativas que têm surgido. A Venezuela lida com uma realidade complexa desde a época em que eu visitei esse país para participar do Fórum Social Mundial, quando o Chávez ainda era vivo. Já naquela época havia muitas dificuldades com relação ao abastecimento de alimentação, agora muito agravado. A extrema direita avançou muito, recentemente foram descobertos 20 grupos neonazistas em São Paulo! Isso é um espelho da América Latina, da direita na América Latina. A gente tem o governo Macri na Argentina, com uma política que vai contra o próprio liberalismo. Apesar das dificuldades, acredito na tese de que é na época de crise que as pessoas vão repensar tudo e construir o novo. A gente não tem um caminho traçado, pronto, então temos todo um caminho a fazer. Precisamos voltar a falar com as periferias. Rearticular os sindicatos, os movimentos sociais. Eu sinto essa dificuldade, então acho que as esquerdas vão ter que continuar a aprender e, talvez, seja a juventude que traga alguma proposta que avance. Mas estamos caminhando. Já experimentamos alguns bons caminhos. Só precisamos nos organizar mais.